



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**Experiências de reprodução social e integração de pessoas jovens e idosas
no lar “Nossa Senhora dos Desamparados”**

A candidata: Rita Paulo João

Supervisor: Emídio Gune

Maputo, Dezembro de 2019

**Experiências de reprodução social e integração de pessoas jovens e idosas
no lar “Nossa Senhora dos Desamparados”**

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa em cumprimento
parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na
Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

A candidata

Rita Paulo João

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

Maputo, Dezembro de 2019

Declaração de originalidade

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Rita Paulo João

Maputo, Dezembro de 2019

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo João (em memória) e Helena Fernando pelos valores morais e éticos que inculcaram-me e que permitiram-me chegar até onde hoje estou e a ser a pessoa que sou hoje. Dedico também ao Arcebispo Mateus Luís Simão pelo apoio moral dado ao longo do tempo em especial neste período de formação académica.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por proporcionar-me saúde. Agradeço em especial ao Emídio Gune, meu orientador, pela disponibilidade, paciência e inteira dedicação na orientação deste trabalho. Aos docentes do Departamento de Arqueologia e Antropologia pelos ensinamentos transmitidos no percurso desta formação em Antropologia.

Aos meus irmãos, Gabriel Paulo João, Amélia Paulo João, Júlia Paulo João, Fernando Paulo João, Manuel João, Midanicio Paulo João, pelo apoio moral e suporte. Aos meus irmãos da igreja Manuel Jofrisse, Amélia Francisco Ndlalane, Meri Francisco Chingore, por terem-me dado a força de continuar com os estudos. A minha Vanessa dos Santos e ao meu conselheiro Paulo Manhique pelo apoio moral e financeiro. Agradeço também a Brain Runganga e Wenlingnton Runganga, Royce Runganga Matchoco e Felizardo Manhique pelo apoio moral e financeiro.

Aos meus pastores da igreja Benson Makwati, José Rui, Melita Muianga, Gabriel Manuel e Gerónimo Francisco pelo apoio moral e encorajamento na continuação dos estudos.

Aos meus colegas de turma de Antropologia 2015 Pós-Laboral, Lúcia Guilengue, Paulo Augusto Tacarindua, Fátima David Cuna, Evódio Martinho, Maria Inês Marcelo, e a outros colegas do curso, Américo Zandamela, Jeremias José Mário, João Chambisso, Cláudio Artur e Venâncio Cumaio pela colaboração e esclarecimento de dúvidas e pela cooperação.

Agradeço também aos participantes desta pesquisa, os residentes do Lar Nossa Senhora dos Desamparados, aos funcionários, voluntários, freiras e visitantes por terem permitido a realização deste estudo, pois só foi possível graças a sua participação. Igualmente agradeço a todos que não foram citados, que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade, vai o meu sincero agradecimento.

A todos, o meu muito obrigado!

Resumo

O presente trabalho analisa experiências de integração de pessoas no Lar Nossa Senhora dos Desamparados. O meu interesse pelo tema surgiu em conversa com uma pessoa idosa que residia sozinha próximo a minha casa no Bairro de Mahlazine. A referida idosa padecia de asma e tinha problemas de vista, o que adicionava algumas dificuldades no exercício de algumas actividades.

Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem, a primeira analisa as causas da integração de pessoas idosas em lares de acomodação, e a segunda analisa mecanismos de reprodução social dos idosos antes de integrar ao lar de acomodação. Ao focar-se apenas na integração e reprodução social de pessoas consideradas idosas, a literatura perde de vista experiências de integração de pessoas mais novas em lares de acolhimento, suas experiências de reprodução social, experiências de vida anteriores ao processo de integração e o relacionamento com outras pessoas de dentro e de fora do lar.

Os resultados deste trabalho permitiram compreender que as pessoas integram nas instituições de acolhimento por indisporerem de outras formas para a sua reprodução social, outros recorrem a estas instituições como lugar para conviver com pessoas que partilhem dentre outras características, o perfil etário e experiências de vida.

Palavras-chave: Experiência; integração e acolhimento

Índice

Declaração de originalidade.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
1. Introdução.....	1
2. Revisão de literatura.....	3
3. Quadro teórico e conceptual.....	8
3.1. Definição de conceitos.....	8
3.2. Teoria e hipótese de trabalho.....	8
4. Procedimentos metodológicos.....	10
4.2. Selecção dos participantes.....	11
4.3. Registo, tratamento e análise de dados.....	12
4.6 Aspectos éticos observados.....	13
5. Discursos e experiências de integração de pessoas na “Nossa Senhora”.....	16
5.1. Da integração á interacção social no lar.....	16
5.1.1. Como e com quem as pessoas acolhidas viviam antes de integrar ao lar.....	16
5.1.2. Estratégias de sobrevivência antes de integrar ao lar.....	20
5.1.3. Necessidades supridas aos residentes do lar.....	22
5.1.4. Relacionamento quotidiano entre pessoas no lar.....	25
6. Considerações finais.....	27
Referências.....	29

1. Introdução

No presente trabalho analiso experiências de integração de pessoas no lar “Nossa Senhora dos Desamparados”. O meu interesse por este tema surgiu durante uma conversa com uma senhora de 78 anos que residia sozinha próximo a minha casa no Bairro de Mahlazine. A referida senhora padecia de asma e tinha problemas de vista, o que adicionava algumas dificuldades no exercício de algumas actividades. O meu irmão sempre que pudesse ia a casa da referida idosa para ajudar em actividades como buscar água, preparar refeições, comprar medicamentos com dinheiro dela e as vezes dele, limpar a casa e lavar a roupa da idosa.

Em conversa com a senhora, ela disse-me que antes vivia com uma neta que ajudava em algumas actividades, mas quando começou a perder a visão em 2010, sua filha, mãe da neta com a qual residia foi buscar a filha, e a partir daí passou a viver sozinha, sem ajuda monetária por parte da filha, que era a única pessoa com a qual contava na família. A senhora dizia: “... Quando fica velha ninguém mais cuida de si, e as vezes acusam-te de feitiçaria, sua própria família manda-te embora de casa ou abandonam-te”.

Aliado, as conversas que costumava ter com a referida idosa, o meu interesse pelo tema fez-me repensar também em uma experiência vivenciada em Tete, quando acompanhei a situação de uma senhora de 62 anos de idade que era agredida pelo filho que alegava que ela era feiticeira, e que por isso ele estava desempregado e sua esposa o abandonara. E neste caso, o filho queria que a mãe acusada de feitiçaria abandonasse a casa onde moravam juntos, mesmo que ela dissesse que não era feiticeira, e que não tinha para onde ir.

Quando tive a oportunidade de elaborar um projecto de pesquisa, logo pensei no quotidiano da pessoa idosa, e o meu orientador indicou-me uma colega que havia elaborado um projecto de pesquisa na área. Através dessa colega conheci o lar “Nossa Senhora dos Desamparados”, a partir de onde aprofundei conversas sobre experiências de vida naquele lar antes da integração e durante. Adicionalmente explorei discursos sobre a razão de integração, os processos de integração e sua relação com pessoas de dentro e fora do lar de idosos.

Para aprofundar o assunto recorri a revisão de literatura acerca da integração em lares de acolhimento. Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem, a primeira analisa as causas da integração de pessoas idosas em lares de acomodação, e a segunda analisa mecanismos de reprodução social dos idosos antes de integrar ao lar de acomodação. Ao

focar-se apenas na integração e reprodução social de pessoas consideradas idosas, a literatura perde de vista experiências de integração de pessoas mais novas em lares de acolhimento, suas experiências de reprodução social, experiências de vida anteriores ao processo de integração e o relacionamento com outras pessoas de dentro e de fora do lar.

Diante das limitações identificadas fiz uma pesquisa etnográfica no lar “Nossa Senhora dos Desamparados” onde conversei com residentes, funcionários, voluntários e visitantes do lar. Com elas explorei suas experiências de reprodução social, experiências de vida anteriores ao processo de integração, experiências de integração e o relacionamento com outras pessoas, de dentro e de fora do lar.

Os resultados do presente trabalho permitiram compreender que parte dos participantes integrou lar “Nossa Senhora dos Desamparados” por indispor de outras formas para a sua reprodução social. Outros, participantes, recorreram ao lar como lugar para conviver com pessoas na mesma faixa etária e com experiências de vida similares, e deste modo evitar ou eliminar isolamento que sofriam antes de estar integrados no referido lar.

O presente trabalho está organizado em seis partes, das quais a primeira é a presente introdução, na qual apresento as linhas gerais do trabalho, objetivos, motivações, e linhas gerais do método usado. Na segunda parte apresento a revisão da literatura, onde apresento as ideias de alguns autores que analisaram experiências de integração de pessoas idosas em lares de acolhimento, o alcance da explicação de cada autor e respectivas limitações. Na terceira parte apresento os conceitos e a teoria usados no presente trabalho. Na quarta parte apresento os procedimentos metodológicos seguidos para realizar o trabalho, desde a concepção do tema aos aspectos éticos observados durante o trabalho de campo. Na quinta parte apresento e analiso os dados do trabalho e na sexta e última parte apresento as considerações finais do trabalho.

2. Revisão de literatura

Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem, uma primeira que analisa as causas da integração da pessoa idosa em lares de acomodação, e a segunda analisa mecanismos de reprodução social da pessoa idosa.

A primeira perspectiva explica que as pessoas idosas integram em lares de acolhimento por diversas causas, das quais alguns autores falam de pobreza, outros de violência intrafamiliar, outros ainda falam de aspectos psicossociais da velhice na sociedade.

Um dos autores que subscreve a primeira perspectiva é Neves (2012). Com o objectivo de conhecer as causas da institucionalização e as repercussões na vida dos idosos Neves (2012) realizou um estudo em um lar de terceira idade, e com base neste estudo a autora concluiu que as causas mais importantes da institucionalização foram a dependência nas actividades de vida diária e a sintomatologia de depressão, levando a que os idosos perdessem a sua independência no domicílio e necessitassem de cuidados específicos, aos quais a rede de cuidados informal não dava resposta. A autora ao relacionar a adaptação dos idosos institucionalizados com o motivo de internamento, concluiu que os idosos institucionalizados que referiam falta de apoio familiar referiram que preferiam viver na instituição de acolhimento aos idosos porque adaptam-se melhor.

Com uma posição parcialmente similar a de Neves (2012), Viana (2016) ao analisar os vínculos familiares com os idosos e suas implicações faz o levantamento das principais causas que levam as famílias a perder seus vínculos com os idosos. De acordo com a autora, as mudanças relativas às dinâmicas demográficas e socioeconómicas em todo o mundo têm sido responsáveis pelas alterações do contexto de vida da população idosa, principalmente nos países em desenvolvimento. A autora refere que dos factores principais para as alterações do contexto de vida da população idosa destacam-se as transformações na estrutura de emprego, a entrada da mulher no mercado de trabalho e principalmente a substituição da família ampliada pela família conjugal moderna.

De acordo com Viana (2016) o rompimento dos vínculos familiares não ocorre a partir da institucionalização na maior parte das vezes, mas em momentos anteriores à ocorrência desse facto. Quando o adulto atinge a terceira idade e, em especial, se necessita de maiores

cuidados, por já não existirem vínculos familiares, ocorre a decisão da institucionalização em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI).

Com uma explicação parcialmente similar a de Viana (2016), Faria e Carmo (2015) com o objectivo de explorar a experiência de transição e adaptação ao lar de 15 idosos institucionalizados há mais de um ano constataram que a experiência de transição e adaptação ao lar vivenciada pelos idosos organiza-se em torno da vivência da institucionalização, que agrega três domínios constituídos pela tomada de decisão, processo de institucionalização e posicionamento do idoso face à institucionalização.

De acordo com Faria e Carmo (2015) a institucionalização dos idosos é desencadeada por um acontecimento, sendo que os principais motivos são problemas de saúde, solidão e problemas habitacionais. Os autores referem ainda que para os idosos a institucionalização surge como a última alternativa depois de esgotadas todas as possibilidades para continuar a viver em casa. Adicionalmente os autores referem que em seu estudo foi possível constatar dois tipos de envolvimento dos idosos no processo de institucionalização, activo e passivo, dos quais, no primeiro a ida para o lar sendo que na maior parte das vezes não é planeada, e é precipitada por um acontecimento imprevisto que cria a necessidade da institucionalização. No segundo caso o idoso assume uma postura passiva, sendo que a decisão da sua institucionalização é da responsabilidade de familiares.

Com uma posição similar a de Faria e Carmo (2015), Pimentel (2001) refere que são vários os factores que determinam o ingresso do idoso num lar de idosos, nomeadamente os problemas de saúde e a consequente perda de autonomia, o isolamento, a inexistência de rede de interacção que facilite a integração social e familiar do idoso, a falta de recursos económicos e habitacionais. Ainda de acordo com a autora, a perda de autonomia física é o factor determinante na opção do internamento dos idosos em lares de acolhimento, e que muitos dos idosos que residem nos Lares são fisicamente dependentes, o facto é que, associados a esta dependência física, surgem outros factores que condicionam mais fortemente a decisão. Neste sentido, a integração ao lar aparece como uma opção de sobrevivência.

Com uma posição parcialmente similar a de Pimentel (2001), Guedes (2012) refere que a decisão de institucionalização pode advir de várias causas, nomeadamente o factor idade, a

exclusão social, a falta de políticas de apoio ao idoso, a falta de laços de solidariedade, nuclearização da família, solidão por viuvez, por ausência da família ou esta viver longe, falta de recursos socioeconómicos e habitacionais por parte dos idosos, dependência física e limitações nas actividades de vida diária (AVD), doença, perda de autonomia, inexistência ou insuficiência de políticas sociais gerontológicas.

Guedes (2012) aprofunda outras causas da integração da pessoa idosa em instituições de acolhimento, tais como solidão por viuvez, inexistência ou insuficiência de políticas sociais gerontológicas, entretanto, não explica a influência das referidas políticas na vida da pessoa idosa, e também não explica acerca do planeamento feito pelos idosos até ocorrer a integração na instituição de acolhimento.

Com uma explicação parcialmente similar a de Guedes (2012), Sousa et al., (2004) referem que existem três momentos típicos em que começa-se a ponderar a possibilidade da pessoa idosa ir para um lar de idosos. O primeiro está associado à morte do cônjuge. O conjugue que sobrevive, sentindo algum incómodo com a ideia de viver sozinho, normalmente pelo medo que algo lhe aconteça e não esteja ninguém por perto para acudir. O segundo, ocorre após uma queda ou doença, os idosos identificam limitações em casa, como movimentar-se sozinhas por exemplo, e o último motivo está relacionado com a localização da casa, longe dos filhos ou distante do centro de saúde e do hospital.

Ainda de acordo com Sousa et al., (2004) as pessoas idosas decidem por livre vontade ir para um lar de idosos. Sousa et al., (2004) referem ainda que o indivíduo adopta a possibilidade de, na sua velhice ir para um lar de idosos e então visita vários lares no sentido de escolher o que mais agrada-o, procedendo à sua inscrição com antecedência.

Com uma posição parcialmente similar a de Sousa et al., (2004) Oliveira e Rozendo (2014) ao buscar compreender o significado da instituição de longa permanência para idosos institucionalizados referem que independentemente do sentido negativo e preconceituoso que as pessoas possuem sobre a ILPI, ela talvez seja a alternativa possível para muitos idosos e suas famílias. Oliveira e Rozendo (2014) referem ainda que o idoso busca as instituições para idosos de modo a satisfazer algumas das suas necessidades de cuidado, no que concerne as suas necessidades básicas, ao acesso a serviços e recursos de saúde, lugar onde possam envelhecer e morrer.

Com uma posição parcialmente similar a de Oliveira e Rozendo (2014), Fumo (2017) ao analisar o processo de integração da pessoa idosa, as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, na cidade de Maputo refere que, de acordo com as regras em vigor no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene e no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, são elegíveis ao acolhimento pessoas idosas em situação de vulnerabilidade e desprovidas de cuidados familiares. De acordo com Fumo (2017), alguns idosos cientes dos requisitos necessários para a integração nos lares de acolhimento, integram ao lar por iniciativa própria, onde alegam, outros forjam ter passado por maus tratos pelas suas famílias, abandono e falta de condições de sobrevivência. E nos lares de acolhimento os idosos porém são aceites por caberem nos requisitos exigidos pelo centro para a sua integração.

Diferentemente da primeira, a segunda perspectiva explica as estratégias adoptadas pelas pessoas idosas para reproduzirem-se socialmente. Um dos autores que subscreve esta perspectiva é Sílvia Sá et al., (2010) para quem, devido a uma série de razões que vão da necessidade do idoso de se manter produtivo e valorizado no meio social, passando pela sua carência económica, a necessidade de assegurar um padrão de consumo aceitável e comparável aos parâmetros vividos por ele em anos anteriores, ou passando por ser uma estratégia para vencer a solidão e o isolamento impostos por uma sociedade que segrega os idosos, estes são obrigados a trabalhar, independentemente dos seus direitos serem extrapolados e de sua condição especial de saúde.

De acordo com Sílvia Sá et al., (2010), a busca de melhor condição de saúde, especialmente a preservação da autonomia, de modo a não depender da família ou do valor da aposentadoria e da mobilidade física, também são factores importantes para a inserção e permanência da pessoa idosa no mundo do trabalho.

Um estudo parcialmente similar ao de Sílvia Sá et al., (2010) é do CEA (2010), o mesmo explica que as pessoas idosas e em especial as mulheres idosas viúvas são as mais pobres e vulneráveis, e na maior parte dos casos, os homens mais velhos são capazes de mais facilmente encontrar novas mulheres ou permanecer com outras mulheres mesmo com idade mais avançada, o que lhe possibilita a manutenção do apoio e das solidariedades quer por via do trabalho destas mulheres mais novas quer através das redes familiares. Entretanto, as

viúvas, dificilmente estabelecem novas relações familiares tornando as suas redes de entrelajada mais pequenas e mais fragilizadas e ficando deste modo, mais vulneráveis e dependentes do apoio de um número limitado de membros da família que possam contribuir com recursos para o sustento dos seus membros.

Um estudo parcialmente similar ao do CEA (2010) é do Nhampuoca (2003) que ao analisar a relação entre ser idoso e o fenómeno da mendicidade na cidade da Beira, Província de Sofala, indaga se a questão da vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade devia-se a exclusão da pessoa idosa no seio familiar, ou seria uma estratégia de sobrevivência do idoso e da família a qual pertence. Para dar conta a referida indagação, o autor explorou o papel do idoso perante a família no meio urbano e, buscou também relacionar a vulnerabilidade do idoso perante a mendicidade com a baixa estabilidade socioeconómica da família do idoso. Neste estudo Nhampuoca (2003) refere também que a integração do idoso na família passa pela reconquista do seu papel na família e na comunidade, e o idoso recorre também a mendicidade como um mecanismo de aumento de renda familiar, sendo que isso permite-o manter seu lugar no seio da família.

No geral, da literatura analisada compreendi que as causas de integração de pessoas idosas em lares de acolhimento incluem questões sociais, económicas e psicossociais e que as pessoas desenvolvem diversas actividades informais para sobreviver. Entretanto a literatura ao focar-se apenas na integração e reprodução social de pessoas com idades acima dos 60 anos, consideradas idosas, por um lado nada explica experiências de integração de pessoas mais novas e por outro lado pouco explica sobre as experiências de vida anteriores ao processo de integração das pessoas e o relacionamento mútuo com outras pessoas integrantes dos lares de acolhimento e com outras pessoas de fora do lar de acolhimento.

3. Quadro teórico e conceptual

3.1. Definição de conceitos

Integração

De acordo com o dicionário de significados, integrar é o acto ou efeito de integrar, ou tornar inteiro. É também sinónimo de assimilação e reunião.

Quanto ao dicionário Infopédia, este define a integração como acto ou efeito de integrar (-se), inclusão de elemento (s) num conjunto formando um todo. Agregação, junção, reunião. Adaptação de um indivíduo a um novo grupo ou estrutura social.

Neste trabalho designo integração ao processo de inclusão e adaptação de pessoas no Lar Nossa Senhora dos Desamparados.

Acolhimento

De acordo com o dicionário Priberan o termo acolhimento significa acto de acolher, refúgio, amparo e hospitalidade.

O dicionário Infopédia define acolhimento como forma como se recebe ou se é recebido, hospitalidade, hospedagem, refúgio, abrigo, protecção.

Neste trabalho designo acolhimento a hospedagem, abrigo e protecção que o Lar Nossa Senhora dos Desamparados proporciona as pessoas que são e estão integradas.

3.2. Teoria e hipótese de trabalho

Para teorização deste trabalho adoptei as ideias de Pimentel (2001), Oliveira e Rozendo (2014) e Viana (2016).

De acordo com Pimentel (2001) são vários os factores que determinam o ingresso do idoso num lar de idosos, nomeadamente os problemas de saúde e a consequente perda de

autonomia, o isolamento, a inexistência de rede de interação que facilita a integração social e familiar do idoso, a falta de recursos económicos e habitacionais.

Para Oliveira e Rozendo (2014) o idoso busca as instituições para idosos de modo a satisfazer algumas das suas necessidades de cuidado atendidas, no que concerne a suas necessidades básicas, ao acesso a serviços e recursos de saúde, lugar onde possam envelhecer e morrer.

Por sua vez, Viana (2016) refere que o rompimento dos vínculos familiares entre o idoso e seus parentes na maior parte das vezes, ocorre em momentos anteriores à ocorrência da integração do idoso no lar.

As ideias de Pimentel (2001), Oliveira e Rozendo (2014) e Viana (2016) apesar de centradas na integração de pessoas com idades acima dos 60 permitem inferir que a integração das pessoas acolhidas no Lar Nossa senhora dos Desamparados deveu-se dentre outros factores aos problemas de saúde, ao isolamento, a inexistência de rede de interação que facilite a integração social e familiar e a falta ou redução de recursos e estratégias para sobrevivência. As ideias destes autores permitem também inferir que as pessoas integradas no Lar Nossa Senhora dos Desamparados compreendem o lar como uma possibilidade de satisfação de algumas das suas necessidades pessoais e familiares, tais como acesso a serviços e recursos de saúde, lugar onde possam envelhecer e morrer ao lado de outras pessoas similares a elas.

4. Procedimentos metodológicos

Este projecto é uma pesquisa qualitativa de carácter etnográfico. O presente projecto foi realizado em três etapas complementares a saber, a pesquisa etnográfica, tratamento e análise de dados e revisão de literatura.

4.1. Processo de recolha de dados

Realizei a pesquisa etnográfica no Lar Nossa Senhora dos Desamparados, localizado na Cidade de Maputo, Distrito Municipal Ka-Maxaquene, Bairro de Maxaquene “C”, e visava manter contacto com os participantes de pesquisa. Está etapa iniciou em Abril de 2019 e terminou em meados de Agosto de 2019.

Como componente etnográfica fiz observação directa, observação participante, conversas e entrevistas semi-estruturadas. Quanto a observação directa realizei de Abril de 2019 a Agosto de 2019. Na observação directa observei a partir da entrada do lar onde via viaturas e pessoas a entrar e sair do lar. Depois observei nos pátios, onde via residentes e visitantes do lar a circular e a conversar. Adicionalmente observei a interacção entre funcionários, voluntários, estagiários e freiras. Estas interacções incluíam momentos em que as freiras e alguns funcionários serviam refeições, os voluntários davam de comer as pessoas que tem dificuldades em comer, e a prestarem cuidados aos residentes do lar. Enquanto observava descrevia também os contextos de pesquisa.

A observação directa permitiu-me descrever os locais de pesquisa, algumas acções dos residentes, funcionários, visitantes, freiras e voluntários do lar. Adicionalmente permitiu-me observar as interacções entre os residentes, visitantes, freiras e funcionários que encontrava no lar.

Quanto a observação participante iniciei a partir da terceira semana de Abril. Neste processo observei e acompanhei e participei de algumas actividades como dar de comer aos idosos que tem dificuldade em comer, fazia massagem, conversei e passei com os idosos no pátio do lar, ajudei as freiras a dobrar roupa na lavandaria, a prestar alguns cuidados aos residentes do lar.

Nas primeiras duas semanas a observação durava cerca de duas horas por dia e decorria apenas de segunda a sexta-feira no período das 9 as 11:00 horas, período que começavam a

servir o almoço aos residentes. A partir da terceira semana passei a observar de forma mais prolongada, e levava cerca de 6 horas, das 10 horas as 16 horas, nos dias do meio de semana e final de semana. A observação participante permitiu-me participar de algumas actividades no lar e interagir com os residentes, as freiras, os funcionários, os visitantes e voluntários do lar.

Neste processo de observação participante conversei com alguns familiares e parentes das pessoas que são acolhidas no Lar Nossa Senhora dos Desamparados sobre as experiências de conviver com os idosos. Estas conversas decorriam no pátio do lar, e eram ocasionais. Realizava as conversas tanto no meio de semana assim como no final de semana. As conversas duravam cerca de uma hora e meia no máximo e mínimo de trinta (30) minutos. Por dia conversava com cerca duas a três pessoas.

Depois de observar e descrever algumas situações surgiram-me algumas dúvidas, e a partir dessas dúvidas construí questões, e posteriormente elaborei um guião de entrevista para dirigi-lo aos responsáveis do Lar Nossa Senhora dos Desamparados e aos funcionários da Direcção Provincial do Género, Criança e Acção Social de Maputo.

Realizei as entrevistas nas salas de visita do lar e tinham como tópicos a integração dos residentes do lar, sua relação com parentes e conhecidos do lar e de fora do lar e suas experiências de reprodução social antes de integrarem no lar.

4.2. Selecção dos participantes

Para este trabalho trabalhei com cinco grupos de participantes, dos quais residentes, visitantes, funcionários, freiras e voluntários que compõem as pessoas que vivem e desenvolvem actividades nele.

Quanto aos residentes, no lar existem três grupos um primeiro composto por pessoas mentalmente sadias, um segundo de pessoas com intervalos de lucidez e um terceiro composto por pessoas mentalmente doentes. Para este trabalho selecionei aqueles residentes mentalmente sadios e os que tem intervalos de lucidez. Depois de ter sido indicado os residentes sadios pelos funcionários e freiras do lar, selecionei quatro daqueles que

mostraram disponibilidade em conversar sempre que os interpelasse, ficando excluídos os outros que recusavam conversar.

Quanto aos visitantes, dos sete com os quais interagi, selecionei os cinco que quando eu os abordei mostravam disponibilidade em conversar comigo. Selecção similar fiz em relação aos visitantes.

Quanto aos funcionários, no lar existem dois tipos de funcionários, um composto por funcionários que prestam cuidados directos aos residentes, e outro grupo presta outros tipos de serviços ao lar. Escolhi conversar com dois funcionários que prestam cuidados directos aos residentes por considerar que devido ao tempo que passam junto dos residentes podiam fornecer-me informações mais detalhadas sobre o dia-a-dia dos residentes. Quanto aos voluntários conversei com três, que mostravam disponibilidade em conversar.

Por fim, quanto as freiras, existem três tipos, umas sem responsabilidade específica, outras responsáveis pelos pavilhões, e uma responsável pelo lar. Para seleccionar as freiras guiei-me pelo papel de responsabilidade que exercem no lar. Neste sentido, selecionei as duas freiras responsáveis pelos pavilhões e a freira responsável pelo lar.

4.3. Registo, tratamento e análise de dados

Para o registo de dados gravava as entrevistas e conversas no gravador do meu celular, quando os participantes concordassem, e quando fosse impedido de gravar as entrevistas e conversas tomava notas no meu caderno de notas.

Para o tratamento de dados, transcrevi as notas de campo do caderno de notas para o computador. Para a análise de dados, após ter lido e resumido os conteúdos dos dados recolhidos identifiquei tendências e organizadas em secções para sustentar a hipótese de trabalho segundo a qual, as pessoas integram o lar “Nossa Senhora dos Desamparados” por indisponem de outras formas para a sua reprodução social, para conviver com pessoas que partilhem faixa etária, por sentirem desconforto em permanecer junto de pessoas de faixas etárias inferiores as suas, que consideram desvalorizadores de suas experiência de vida são desvalorizadas ou pouco valorizadas por aqueles com quem convivem. Outra hipótese é de que os parentes das pessoas de faixas etárias elevadas mandar os seus parentes para os lares de acomodação para evitar o seu isolamento, em parte resultante de suas ocupações

profissionais quotidianas que reduzem a disponibilidade de dar atenção necessária aos seus parentes idosos. Estas hipóteses são postas em diálogo com a literatura sobre o assunto.

4.4. Revisão de literatura

Para a revisão de literatura consultei dissertações, monografias e livros na Biblioteca Central da UEM, relatórios, artigos e livros nas Bibliotecas da UEM e em bibliotecas virtuais. Busquei material sobre acção social e integração social. Adicionalmente consultei políticas de acção social em Moçambique. O processo decorreu desde Abril de 2019 e acompanhou o trabalho até o final. Na revisão de literatura busquei encontrar perspectivas de abordagem acerca do tema de pesquisa e conceitos.

4.5. Constrangimentos de campo

Durante o trabalho de campo tive dois constrangimentos. O primeiro constrangimento foi a dificuldade de conversar com alguns familiares das pessoas residentes no lar dos desamparados, os familiares referiam que tinham pouco tempo e que as conversas são muito íntimas, e este constrangimento que impediu-me de ter acesso a versão dos familiares em relação ao processo de integração das pessoas e a experiência a priori a integração do seu familiar no lar dos desamparados, e narrativas sobre a sua relação antes de viver no Lar dos idosos. Diante deste constrangimento optei em conversar com as pessoas responsáveis pelo lar e as pessoas que cuidam e conversam com as pessoas com quem conversava sobre as suas experiências de integração. Esta opção possibilitou-me descrever algumas histórias e experiências das pessoas residentes no lar e que antecedem a sua integração.

O segundo constrangimento foi a impossibilidade de aceder aos documentos relativos ao período de integração das pessoas que residem no lar Nossa Senhora dos Desamparados porque as freiras diziam que essas informações eram privadas e também as pessoas que anteriormente passaram do lar para pesquisar nunca regressaram para partilhar os resultados, e por isso não sabem qual é a finalidade exacta destas pesquisas. Diante deste constrangimento tive que trabalhar apenas com o material que colhia através das conversas e entrevistas com os responsáveis do Lar e das conversas.

4.6 Aspectos éticos observados

Nesta pesquisa observei três aspectos éticos. O primeiro foi o consentimento informado. Informei oportunamente acerca dos objectivos da pesquisa, e que trata-se de uma pesquisa académica e que não haverá benefícios imediatos e nem materiais, depois de informar as pessoas, algumas aceitavam participar e outras recusaram.

O segundo aspecto que observei foi pedir e informar para gravar entrevistas. Para gravar as entrevistas pedi permissão aos participantes de pesquisa quando foi necessário gravar, quando fosse-me permitido gravar procedia de acordo, e quando fosse-me recusado, apenas memorizava.

O terceiro aspecto ético observado foi respeito as emoções dos participantes. Durante a recolha de dados enquanto conversava duas participantes choraram, por isso quando isso aconteceu interrompi a conversa até as pessoas recomporem-se e perguntei se ainda podiam continuar, uma das participantes disse que preferia interromper, e terminei a conversa. Quanto a outra participante, depois de recompor-se aceitou continuar a conversa num outro momento, então abordei-a quando disse que sentia-se a vontade em retomar.

Durante o trabalho de campo conversei com dezoito (18) pessoas, das quais seis (6) homens e doze (12) mulheres.

Nº	Nome	Sexo	Idade	Origem	Posição	Tempo	Como/quem o integrou
1	Ir. Saturnina	F	55	Perú	Responsável pelo lar	24	
2	Ir. Ângela	F	60	Espanha	Responsável dos homens	15	
3	Ir. Clara	F	57	Espanha	Responsável das Mulheres	5	
4	Maria Lina	F	71	Manjacaze	Residente	8	Por freiras
5	Maria Isabel Rodrigues	F	66	Maputo	Residente	9	Iniciativa própria
6	Isabel João Mboane	F	65	Maputo	Residente	17	Chefe de quartirão
7	Lucrecia Amelia Augusto	F	85	Maputo	Residente	2	Filhos
8	Nora Cossa	F	60	Swaziland	Residente	15	Iniciativa própria
9	Zacarias Castigo	M	75	Sofala	Residente	18	Iniciativa própria

10	Alberto Paipane	M	50	Inhambane	Residente	11	Iniciativa própria
11	Paulino dos Santos Virgílio	M	62	Zambézia	Residente	9	Iniciativa própria
12	Francisco Mondlane	M	75	Gaza	Segurança do Lar	7	Iniciativa própria
13	Beatriz Rosa Rodrigues	F	65	Beira	Residente	8	Iniciativa própria
14	Alfredo	M	55	Zambézia	Funcionário do Lar		Iniciativa própria
15	Laura Cossa	F	85	Gaza	Residente		Irmão
16	Manuel João Siteo	M	31	Namaacha	Residente	3	Padres
17	Emílio Manuel	M	28	Gaza	Residente	3	Secretário do Bairro de Maxaquene
18	Mário Alfeu Massango	M	40	Zavala	Residente	12	Mãe

Do total dos participantes três são freiras com idades compreendidas entre cinquenta e cinco (55) a sessenta (60) anos. São estrangeiras, oriundas da Espanha e do Perú, responsáveis pelos pavilhões dos Homens, das Mulheres e do Lar. Quanto aos homens dois (2) são funcionários do lar.

Quanto aos residentes do lar trabalhei com um total de doze, seis (6) de cada sexo. A exceção de uma residente oriunda da Swazilândia, os restantes moçambicanos oriundos das províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Sofala e Zambézia. Os participantes residem no lar de entre 3 a 18 anos.

Quanto as residentes tinham idades que variavam entre sessenta (60) a oitenta e cinco (85) anos de idade. Quanto aos residentes tinham idades entre os vinte e oito (28) a setenta e cinco (75) anos de idade. Três das pessoas residentes no lar com as quais conversei e observei têm 28,31 e 40 anos de idade.

5. Discursos e experiências de integração de pessoas na “Nossa Senhora”

Nesta parte do trabalho apresento e analiso os discursos e experiências das pessoas acolhidas no lar, seus parentes, funcionários do lar e freiras, em relação ao processo de acolhimento no Lar “Nossa Senhora dos Desamparados”.

5.1. Da integração á interacção social no lar

Nesta parte do trabalho descrevo experiência de vida e estratégias de reprodução social das pessoas acolhidas no lar antes de sua integração no lar, descrevo também a interacção das pessoas acolhidas no lar com a instituição e com as pessoas com quem mantinham algum tipo de ralação antes de integrarem ao lar.

5.1.1. Como e com quem as pessoas acolhidas viviam antes de integrar ao lar

No trabalho percebi questões como com quem as pessoas acolhidas no lar viviam antes de sua integração no lar, que faziam para sobreviver ou estratégias de reprodução social, e o que as levou a integrar ao lar nossa senhora dos desamparados. Em relação as pessoas com quem viviam antes, constatei que antes da sua integração no lar uns residiam com seus familiares, filhos, esposa, marido, pai ou mãe, outros viviam sozinhos, outros ainda residiam na congregação religiosa a qual ficaram filiadas. Adicionalmente compreendi que antes de integrarem ao lar tiveram problemas de saúde como trombose, deficiência física, perda da visão e problemas mentais, que em parte dificultavam a sua convivência com as pessoas com quem viviam, e por isso, outros passaram a ter dificuldades de exercer algumas actividades da vida diária, outros ainda careciam de alguém para ajudar pois tinham dificuldade para aceder pessoalmente a meios de sobrevivência. O exemplo de um residente que integrou o lar por iniciativa própria e devido a dificuldade para aceder meios para sobrevivência é o de Emílio que referiu o seguinte:

Nasci em Namaacha a 08/05/1991, natural de Maputo vi por iniciativa própria, morava com os meus pais e sendo filho único. Perdi os meus pais quando tinha 14 anos e os vizinhos

ajudavam no que podiam para eu poder sobreviver, mas ao andar do tempo, a ajuda dos vizinhos passou a faltar, e fiquei sem mais opções para sobreviver, por isso aproximei a igreja católica onde pedi apoio e o padre me levou para o lar (Emílio Siteo, 28 anos de idade, residente no lar a 3 anos, conversa informal em 20 de Agosto de 2019).

Experiência parcialmente similar a de Emílio é partilhada por Beatriz Rodrigues que narrou o seguinte:

Nasci a 22 de Agosto de 1954. Na Beira vivia com meu pai que tinha 92 anos de idade e estava sob os cuidados dos empregados. Sou deficiente física desde os meus 12 anos de idade, não ando, não sento não faço movimentos do lado esquerdo e direito. A doença roubou a escola e impediu-me de ter o emprego dos meus sonhos, hospedeira de terra e que acabou por não se realizar. Cheguei de me apaixonar mas não cheguei a ter nenhuma relação amorosa, e lamento bastante. Frequentei o 1º ano do curso comercial, não tendo terminado porque comecei a adoecer. Não vivi a vida porque os anos passaram e eu deitada numa cama. Meu pai veio a falecer em 2016, com 99 anos de idade, e lamento por não ter conseguido ir ao velório (Beatriz Rosa Rodrigues, natural da Beira, Sofala, residente no Lar desde 2011, conversa informal 17.05.2019).

Uma experiência de integração diferente a de Emílio e de Beatriz foi narrada por Isabel Chirinda Rodrigues, quem referiu o seguinte:

Nunca vivi num lar, cada um dos meus filhos tem seu pai. Antes morava na Costa do Sol com a minha irmã, mas ela ia ao trabalho e eu ficava com as crianças dela. Contracei trombose em Junho de 2007. As vezes caía e as crianças não conseguiam dar conta de mim. A minha irmã trabalhava na Shoprite e saía muito tarde, por isso preferi estar no lar porque em casa sentia-me como se estivesse a privar as crianças de brincar, pois tinham que cuidar de mim (Maria Isabel Chirinda Rodrigues, natural de Maputo, residente no Lar desde 2010, conversa informal, 12.04.2019).

Outro exemplo parcialmente similar ao de Isabel Chirinda Rodrigues é o de Isabel João Mboane no qual referiu o seguinte:

Nasci no primeiro dia Janeiro de 1954. Antes de vir ao lar vivia em Mavalane na residência da minha mãe. Tenho 6 filhos e todos estão casados. Tive trombose em 30 de Agosto de 2016, na altura vivia sozinha na casa que meu marido me deixou quando faleceu em Dezembro de

2000. Por estar a cair sempre acabei indo para casa da minha mãe idosa de 88 anos, que também é deficiente, para ter socorros visto que morava sozinha. Quando fui para casa da minha mãe pedi apoio aos meus filhos mas eles recusaram (Isabel João Mboane, natural de Maracuene, residente no Lar desde 2002, conversa informal 17.04.2019).

A experiência partilhada por Isabel Mboane assemelha-se a que foi partilhada por Zacarias Castigo Jack quando este referiu o seguinte:

Antes de vir ao lar vivia na minha residência em Mambone com a minha esposa, mas entramos em conflito quando tive problemas de vista, por isso sai de casa para viver com minha filha em Maputo no Posto Administrativo de Namaacha. A minha filha é casada e tem dois filhos, por não ter tempo de cuidar de mim sugeriu-me que ele viesse morar no lar. Sinto saudades da minha esposa que me abandonou por doença (Zacarias Castigo Jack, natural de Machanga-Sofala, residente no Lar desde 2001, conversa informal 27.04.2019).

De igual forma Manuel relatou uma experiência parcialmente similar a de Zacarias ao referir o seguinte:

Nasci em Gaza a 12/09/1986 antes de vir para o lar vivia em Magoanine com o meu irmão e a minha cunhada. Era sapateiro. Deixei de trabalhar quando fiquei cego (Manuel João, 31 anos de idade, residente no lar há três anos, conversa informal em 20 de Agosto de 2019).

Com uma experiência parcialmente similar a de Manuel, Alberto Paipane Manhiça narrou o seguinte:

Antes de vir ao lar vivia em Moamba na minha residência com a minha esposa e filhos. Sou deficiente físico, a minha esposa faleceu um pouco antes de eu vir ao lar em Abril de 2009. Fiquei deficiente em 1994, porque fui invejado por um curandeiro por causa do meu trabalho. Tenho 4 filhos, dois rapazes e duas raparigas, dois dos quais estão na África do Sul e 2 na sua residência em Moamba, os que estão na África do Sul estão a trabalhar e tem, mantido contacto, os que estão aqui em Moamba estão a estudar (Alberto Paipane Manhiça, natural de Inhambane, residente no Lar desde 2009, conversa informal 27.04.2019).

Uma experiência parcialmente diferente das experiências acima referidas foi relatada por Nora, que antes de integrar no lar vivia em sua residência com suas filhas. Nora narrou o seguinte:

Nasci em 11 de Maio de 1959. Antes de vir ao lar vivia na Matola na minha residência com minhas duas filhas gémeas das quais uma veio a falecer e fiquei com uma filha que é deficiente e que está comigo aqui no lar. Tenho poucos familiares, apenas irmãos que não tem condições de ajudar na minha situação. A única pessoa que tenho e que me ajudou considero família espiritual e foi quem me ajudou a vir para o lar (Nora Amós Cossa, natural de Maputo, residente no Lar desde 2004, conversa informal 20.04.2019).

Com uma experiência parcialmente diferente a de Nora, Amélia Augusto narrou o seguinte:

Antes morava sozinha no Alto-Maé. Sou viúva já há 10 anos. Tenho 3 filhos dos quais dois rapazes e uma menina, a menina está em Londres e vem uma vez por ano para preparar o meu aniversário, os rapazes vivem em Maputo. Tenho problemas de vista e já fiz uma operação para melhorar, e quem pagou foi minha filha, ela comprou-me também óculos de vista. Tenho problemas mentais, mas estou sob controlo. Alguns dias tenho tido recaídas e nos outros dias fico bem. Quando não estou bem sou muito agitada (Lucrécia Amélia Augusto, Natural de Maputo, residente no Lar desde 2017, conversa informal 17.04.2019).

Com uma experiência completamente diferente a de Lucrécia, Maria Lina relatou o seguinte:

Antes de vir ao lar dos desamparados vivia em Namaacha na casa das irmãs, nunca casei e não tenho filhos. Meus irmãos vivem em Manjacaze e sempre me visitam. Sou freira, e foi por iniciativa própria que me tornei. A minha mãe não queria que eu fosse irmã ou que seguisse a vida religiosa, mas eu queria e acabei indo para a casa das irmãs, só depois de um tempo a minha mãe aceitou a minha decisão. Fui viver com as irmãs com 12 anos até aos dias de hoje (Maria Lina, Natural de Manjacaze, residente no Lar desde 2000, conversa informal 13.04.2019).

Os resultados referentes as pessoas com que os residentes do lar viviam antes da sua integração no lar assemelham-se parcialmente aos encontrados por Viana (2016) ao referir que quando o adulto atinge a terceira idade e, em especial, se necessita de maiores cuidados e, por já não existirem vínculos familiares, ocorre a decisão da institucionalização em uma

Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Estes resultados assemelham-se também aos encontrados por Faria e Carmo (2015), estes que referem que a institucionalização dos idosos é desencadeada por um acontecimento, sendo que os principais motivos são problemas de saúde, solidão, e problemas habitacionais. Adicionalmente, os resultados por mim estabelecidos assemelham-se também aos encontrados no trabalho de Pimentel (2001) que referiu que a perda de autonomia física é o factor determinante na opção do internamento dos idosos em lares de acolhimento, e que muitos dos idosos que residem nos Lares são fisicamente dependentes.

Os resultados do meu trabalho, para além de descreverem experiências de pessoas idosas, descrevem também de pessoas mais novas em relação as pessoas com que viviam antes de integrar ao lar, e as experiências que conduziram a integração no lar.

5.1.2. Estratégias de sobrevivência antes de integrar ao lar

Quanto as estratégias que adoptavam para sobreviver antes de integrar no lar, constatei que antes de integrarem ao lar, alguns residentes do lar ganhavam dinheiro ao exercer actividades como ensinar, capinar machambas e terrenos, cuidar de crianças e cozer sapatos. Com o dinheiro auferido pelas referidas actividades, os referidos residentes custeavam algumas despesas, satisfaziam algumas necessidades e caprichos. Adicionalmente, compreendi que para além de ganharem dinheiro pelas actividades que exerciam no seu dia-a-dia, antes de integrar ao lar, alguns residentes contavam também com apoio dos seus parentes, outros contavam com ajuda de sacerdotes. Na linha dos que antes de integrar trabalhavam para ganhar dinheiro integro a narrativa de Alberto Paipane quando referiu o seguinte:

Eu sempre fui trabalhador, mas quando fiquei parálítico, para não depender de ninguém em tudo, passei a cozer sapatos, e com o dinheiro que ganhava conseguia comprar coisas básicas para mim. Não precisava de pedir *colgate* a ninguém, sabão, e pagar alguém para fazer alguns trabalhos para mim (Alberto Paipane Manhiça, natural de Inhambane, residente no Lar desde 2009, conversa informal 27.04.2019).

Uma experiência similar a de Alberto Paipane foi partilhada por Nora quando referiu o seguinte:

Quando morava com as minhas duas filhas, ajudava as pessoas a capinar machambas e a colher, ajudava também pessoas a capinar seus terrenos e ajudava em várias actividades que contratavam-me. E com o dinheiro que ganhava ajudava as minhas duas filhas. Quando a outra faleceu fiquei impedida de sair, pois já não tinha ninguém para cuidar da minha filha deficiente quando eu me ausentasse. Passei a depender apenas da ajuda dos padres (Nora Amós Cossa, natural de Maputo, residente no Lar desde 2004, conversa informal 20.04.2019).

Uma experiência parcialmente similar a de Nora foi também partilhada por Lucrecia quando referiu o seguinte:

Fui funcionária do Ministério de Saúde e trabalhava na pediatria onde cuidava dos bebés. Deixei de trabalhar quando cai doente. Fui trabalhar na pediatria como aprendiz e acabei ficando por lá como funcionária. Antes de vir para aqui, algumas pessoas vinham para minha casa quando precisassem de alguém para fazer acompanhamento da gestação e cuidar de bebés. Já que ninguém na família podia dar-me tudo quando eu quisesse, o dinheiro que ganhava a brincar com as netas de algumas amigas servia para suprir alguns dos meus caprichos. Minhas filhas também sempre apoiaram-me, mas não dependia totalmente delas (Lucrecia Amélia Augusto, Natural de Maputo, residente no Lar desde 2017, conversa informal 17.04.2019).

Maria Lina partilhou também uma experiência que assemelha-se parcialmente as experiências acima referidas, quando referia o seguinte:

Fui professora em Mangunde, na Província de Sofala e dei aulas de 1ª a 5ª classe. Tive 2º ano de liceu e fui tirar o Curso de Professora em Inhambane. Lembro-me que em 1975 estava dar aulas em Mangunde, depois fui enviada para as missões nas províncias de Moçambique, depois Malawi, Zimbabwe, Swazilândia e agora aqui em Maputo. Estou aqui depois de muito trabalho missionário. Quando vivia com as irmãs, aquilo que cada uma ganhava em sua actividade juntávamos e usávamos todas em despesas de casa. Eu era professora, mas também dava aulas de reforço em tempos livres, e tinha um dinheiro extra por essa actividade. O dinheiro extra que ganhava não dava na contribuição da congregação, mas guardava e enviava para os meus familiares em Manjacaze (Maria Lina, Natural de Manjacaze, residente no Lar desde 2000, conversa informal 13.04.2019).

Os resultados desta secção relativa as experiências de reprodução social ou sobrevivência das pessoas antes de integrar ao lar assemelham-se parcialmente aos mencionados por Sílvia Sá

et al., (2010) que referiu que devido a carência económica, a necessidade de assegurar um padrão de consumo aceitável e comparável aos parâmetros vividos por eles em anos anteriores, ou passando por ser uma estratégia para vencer a solidão e o isolamento impostos por uma sociedade que segrega os idosos, estes são obrigados a trabalhar, independentemente dos seus direitos serem extrapolados e de sua condição especial de saúde.

Os resultados da minha pesquisa alargam a compreensão ao descrever outros mecanismos de sobrevivência que as pessoas detinham antes de integrar no lar, como por exemplo o apoio dos parentes e da comunidade religiosa a qual as pessoas acolhidas no lar faziam parte. Estes resultados explicam ainda estratégias adoptadas tanto por pessoas idosas, assim como por pessoas mais novas.

5.1.3. Necessidades supridas aos residentes do lar

Nesta pesquisa percebi também que as pessoas acolhidas no lar e seus familiares, encontraram no lar de acolhimento uma possibilidade de suprir algumas necessidades que tornavam-se difícil suprir antes da integração no lar. Neste trabalho constatei que por um lado, algumas pessoas integram ao lar por iniciativa própria com o intuito de estar num lugar onde poderão ser bem tratadas e ter com quem dividir os momentos, outros forçados pela falta de condições de vida, e necessidade de cuidados que não acarretassem custos as suas famílias. Um dos exemplos de pessoas que integrou ao lar pela expectativa de ser bem tratada e ter com quem dividir os momentos foi narrada por Maria Isabel Chirinda Rodrigues ao referir o seguinte:

Pedi para meus irmãos para que fosse integrada em locais onde pudesse ficar com pessoas iguais a mim, e eu me sentiria a vontade sem dar trabalho. No dia 01 de 01 de 2010, num almoço familiar, com toda família reunida, informei que pretendia integrar a um lar de pessoas incapazes. Em Janeiro de 2010/12 integrei ao lar por vontade própria. Gostei da iniciativa de vir ao lar porque sou bem tratada e tenho com quem dividir os momentos. Estou aliviada em viver neste ambiente e tenho esperança de melhorar um dia (Maria Isabel Chirinda Rodrigues, natural de Maputo, residente no Lar desde 2010, conversa informal, 12.04.2019).

Das pessoas que integram ao lar forçados pela falta de condições para sobrevivência, um dos exemplos foi apresentado por Laura Vicente Cossa que referiu o seguinte:

Sou natural de Manjacaze, nasci em 1934, saí da casa do meu irmão em Maxaquene para o Lar dos Desamparados por ver que as condições lá de casa não eram boas. O meu irmão não estava a dar conta de me sustentar (Laura Vicente Cossa, Natural de Manjacaze, residente no Lar desde 2010, conversa informal 13.04.2019).

Exemplo similar ao de Laura Vicente Cossa foi narrado por Isabel João Mboane que referiu o seguinte:

O chefe do quarteirão por ver uma idosa e deficiente a cuidar da filha que por sinal também deficiente foi ao secretário do bairro para ter mais detalhes de como podiam ajudar, nesse momento, uma das minhas filhas deu as caras e conversou com o chefe do quarteirão para virem-me deixar no lar dos desamparados e assim o fizeram. Mas também aceitei ser integrada porque sabia que não me faltaria comida, medicamentos e companhia (Isabel João Mboane, natural de Marracuene, residente no Lar desde 2002, conversa informal 17.04.2019).

Uma outra experiência parcialmente similar foi partilhada por Nora Cossa que referiu o seguinte:

Vim para o lar para ter ajuda de cuidar da minha filha. Cheguei no lar em 12 de Dezembro de 2004. Minha filha é deficiente física, não fala, não anda, e não senta. Entreguei a minha casa as irmãs para tomarem conta enquanto eu estiver no lar. Como forma de compensar a ajuda dada pelas irmãs, ajudo a cuidar dos idosos e a cuidar dos jardins, onde vejo o tempo a passar rápido conversando com as flores (Nora Amós Cossa, natural de Maputo, residente no Lar desde 2004, conversa informal 20.04.2019).

Zacarias apresentou uma outra experiência parcialmente similar a de Nora quando referiu o seguinte:

Vim para o lar dos desamparados com meu filho, houve um acordo entre eu e ele para vinda. O meu filho sugeriu que viesse viver no lar para que tivesse cuidado das freiras (Zacarias Castigo Jack, natural de Machanga-Sofala, residente no Lar desde 2001, conversa informal 27.04.2019).

De forma similar Alberto Paipane referiu o seguinte:

Vim ao lar por iniciativa do Padre e eu gostei da ideia porque não tinha ninguém para me cuidar, e o padre disse que aqui no lar as freiras cuidariam de mim (Alberto Paipane Manhiça, natural de Inhambane, residente no Lar desde 2009, conversa informal 27.04.2019).

Um outro exemplo similar a experiência referida na citação acima foi partilhada por Beatriz Rosa Rodrigues quando referiu o seguinte:

Por iniciativa própria, pedi aos meus irmãos para que me levassem para este lugar para ter alguém que cuide de mim e que não acarrete grandes custos a minha família. Na Beira vivia com meu pai que tinha 92 anos de idade e estava sob os cuidados dos empregados. Devido a aumento do custo de vida houve necessidade de aumento salarial dos empregados, e as condições de vida mudaram, por isso pedi aos meus irmãos que fossem deixar-me no lar, e os meus irmãos alugaram transporte para deixar-me em Maputo (Beatriz Rosa Rodrigues, natural da Beira, Sofala, residente no Lar desde 2011, conversa informal 17.05.2019).

A experiência vivenciada e partilhada por Beatriz assemelha-se parcialmente a descrição partilhada pela irmã Saturnina, quando esta referiu o seguinte:

Aqui no lar para além de pessoas idosas recebemos também pessoas de outras idades. Como deves ter observado, tem aqui algumas pessoas jovens. Algumas pessoas jovens são dementes, outras deficientes físicas e visuais. Algumas vieram com seus parentes e esses pediram para cuidarmos delas, outros apareceram com chefes de quarteirão, outros foram abandonados na porta e trazidos pelo nosso guarda. Alguns familiares das pessoas jovens referem que quando os seus parentes melhorarem da demência virão buscá-las. Outros depois desaparecem e nunca vem visitar os seus parentes jovens.

Os resultados desta secção sobre cuidados que as pessoas que integram ao lar e seus familiares buscam ao integrar-se no lar “Nossa Senhora dos Desamparados” assemelham-se aos referenciados no trabalho de Oliveira e Rozendo (2014) no qual os autores referem que o idoso busca as instituições para idosos de modo a satisfazer algumas das suas necessidades de cuidado atendidas, no que concerne a suas necessidades básicas, ao acesso a serviços e recursos de saúde, lugar onde possam envelhecer e morrer. Os resultados desta secção

assemelham-se ainda aos encontrados no trabalho de Faria e Carmo (2015) no qual referem que os idosos decidem integrar a instituições de acolhimento devido a problemas de saúde, solidão, e problemas habitacionais, e que o lar de acolhimento serve como alternativa para ver algumas de suas necessidades supridas.

Os resultados do presente estudo alargam a compreensão em relação aos cuidados prestados nos lares de acolhimento, pois para além de olhar apenas para as necessidades das pessoas idosas, olha também para a supressão de necessidades de pessoas mais novas e de suas famílias. Neste sentido, este trabalho acrescenta o facto do lar acolhimento servir também como espaço para algumas pessoas integradas superarem problemas mentais.

5.1.4. Relacionamento quotidiano entre pessoas no lar

Durante a pesquisa compreendi também que as pessoas residentes no lar relacionam-se mutuamente, e relacionam-se também com pessoas com as quais interagiam antes de integrar ao lar.

Através da observação directa e participante constatei que os residentes acolhidos no lar mantêm um bom relacionamento, e até participam em algumas actividades na cozinha, jardins, lavandaria e refeitório. Quanto ao relacionamento mútuo entre as pessoas acolhidas no lar Nossa Senhora dos Desamparados compreendi que apesar de alguns considerarem que não são amigos, e considerarem o lar como um ambiente propício para intrigas, compreendi que o relacionamento entre eles é harmonioso. Ajudam-se, conversam e divertem-se uns com os outros. Adicionalmente compreendi que algumas pessoas acolhidas no lar relacionam-se bem com as pessoas com as quais anteriormente conviviam ou tiveram alguma relação, e isto deve-se em parte a maneira como relacionavam-se antes de integrarem ao lar. Outros não mantêm nenhum relacionamento, ou também um péssimo relacionamento devido a falta de visitas por parte das pessoas com quem conviviam antes, ou devido a forma como eram tratados antes de integrar ao lar.

Quanto ao relacionamento mútuo entre os residentes do lar, uma das experiências foi partilhada por Maria Isabel Chirinda Rodrigues que referiu o seguinte:

Aqui tenho amigos íntimos, mas lidou bem com todos, tanto homens assim como mulheres (Maria Isabel Chirinda Rodrigues, natural de Maputo, residente no Lar desde 2010, conversa informal, 12.04.2019).

À semelhança da Maria Isabel, Maria Lina referiu entender-se com todos, quando contou o seguinte:

Entendo-me com todos os outros idosos, mas como sabemos, onde tem muitas pessoas sempre tem intrigas. O acolhimento e a vida lá fora é difícil, melhor é viver onde tem pessoas que te acolham (Maria Lina, Natural de Manjacaze, residente no Lar desde 2000, conversa informal 13.04.2019).

Uma posição similar aos dos participantes acima referidos foi de Maria Lina Amélia Augusto, ela também referiu sentir-se a vontade com todos, e contou o seguinte:

No lar faço trabalhos semelhantes sendo alguém que já tem experiência na mesma área dos cuidados de saúde. Gosto de trabalhar assim como de cuidar dos outros que necessitam de ajuda. Gosto de estar no lar porque sinto-me à vontade, converso e me divirto com os outros. Não tenho amigos mas converso com todos, gosto de todos e trato a todos por igual (Lucrecia Amélia Augusto, Natural de Maputo, residente no Lar desde 2017, conversa informal 17.04.2019).

Durante o trabalho de campo observei que algumas pessoas acolhidas no lar participam de algumas actividades do lar, como dobrar e engomar roupa, pilar amendoim e ralar coco, preparar vegetais e legumes, cuidar dos jardins, dar comida na boca aos residentes com dificuldades para comer por si, desenhar e pintar.

Os resultados da presente secção assemelham-se parcialmente aos mencionados no trabalho de Viana (2016) quando refere que o rompimento dos vínculos familiares não ocorre a partir da institucionalização na maior parte das vezes, mas em momentos anteriores à ocorrência desse facto, e isso deve-se a mudança das dinâmicas da vida social e a entrada da mulher no trabalho.

Os resultados da presente pesquisa alargam a compreensão no que concerne ao relacionamento, por um lado porque descreve outras razões que levam ao rompimento ou

manutenção de vínculos entre pessoas acolhidas e as pessoas com quem conviviam antes de sua integração, por outro lado, porque explicam a relação mútua entre as pessoas acolhidas no lar, as pessoas e as pessoas acolhidas e a instituição.

6. Considerações finais

No presente trabalho analisei experiências de integração de pessoas no lar Nossa Senhora dos Desamparados. Explorei discursos sobre a razão de integração, os processos de integração e sua relação com pessoas de dentro e fora do lar de idosos.

Para aprofundar sobre esse tema recorri também a revisão de literatura acerca da integração de idosos em lares de acolhimento. Da literatura analisada identifiquei duas linhas de abordagem, a primeira que analisa as causas da integração de pessoas idosas em lares de acomodação, e a segunda analisa mecanismos de reprodução social dos idosos antes de integrar ao lar de acomodação.

Considero que a literatura analisada ao focar-se apenas na integração e reprodução social de pessoas consideradas idosas perde de vista experiências de integração de pessoas jovens em lares de acolhimento, suas experiências de reprodução social, experiências de vida anteriores ao processo de integração e o relacionamento com outras pessoas de dentro e de fora do lar.

Diante das limitações da literatura fiz uma pesquisa etnográfica no lar Nossa Senhora dos Desamparados onde conversei com os residentes, funcionários, voluntários e visitantes do lar acerca das experiências de integração tanto de pessoas idosas assim como de pessoas jovens no lar Nossa Senhora dos Desamparados, suas experiências de reprodução social, experiências de vida anteriores ao processo de integração e o relacionamento com outras pessoas de dentro e de fora do lar.

Os resultados deste trabalho permitem compreender questões como com que as pessoas acolhidas no lar viviam antes de sua integração no lar, o que faziam para sobreviver ou estratégias de reprodução social, o que os levou a integrar ao lar Nossa Senhora dos Desamparados e o relacionamento no cotidiano com a instituição, relacionamento mútuo entre os acolhidos, e relacionamento com as pessoas de fora, com as quais conviviam antes de integrar ao lar.

Os resultados do presente trabalho permitiram compreender que as pessoas integram o lar “Nossa Senhora dos Desamparados” por indispor de outras formas para a sua reprodução social, para conviver com pessoas que partilhem faixa etária, por sentirem desconforto em permanecer junto de pessoas de faixas etárias inferiores as suas, que consideram desvalorizadores de suas experiência de vida são desvalorizadas ou pouco valorizadas por aqueles com quem convivem. Percebi ainda que parentes das pessoas de faixas etárias elevadas mandar os seus parentes para os lares de acomodação para evitar o seu isolamento, em parte resultante de suas ocupações profissionais quotidianas que reduzem a disponibilidade de dar atenção necessária aos seus parentes idosos.

Este estudo torna-se relevante uma vez que pode disponibilizar elementos as famílias e aos profissionais de instituições de acolhimento e fazedores de políticas públicas viradas a assistência social, para que compreendam melhor as experiências quotidianas de pessoas que vivem nesses lares.

Referências

CALDAS, C. P. 2002. “O idoso em processo demencial: o impacto na família”. In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento (M. C. S. Minayo & C. Coimbra Jr).

VIANA, D. C. (2016). “O fortalecimento dos vínculos familiares com o idoso”. Comunicação apresentada no 4º Simpósio Mineiro de assistentes sociais. Belo Horizonte

WHITAKER, D.C.A. *Envelhecimento e poder*. Campinas: Alínea, 2007.

OLIVEIRA, J. e ROZENDO, M. (2014). *Instituição de longa permanência para idosos: um lugar de cuidado para quem não tem opção?* Rev Bras Enferm. set-out; 67(5):773-9. São Paulo

NEVES, H. M. F. (2012). “*Causas e Consequências da Institucionalização de Idosos*”. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Gerontologia. Universidade Beira-mar. Covilhã.

FARIA, C. G. e CARMO, M. P. (2015). “*Transição e (In) Adaptação ao Lar de Idosos: Um Estudo Qualitativo*”. Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 31 n. 4, pp. 435-442.

PAÚL, C. (1997). “*Lá para o fim da vida – Idosos, Família e Meio Ambiente*”. Coimbra. Almedina.

PIMENTEL, L. (2001). “*O Lugar do Idoso na Família – Contextos e trajectórias*”. Coimbra. Quarteto.

PERLINI, N. M. O. G.; LEITE, M. T., FURINI, A, C. (2007). “*Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares*”. Rev Esc Enferm USP; 41(2):229-36

SOUSA, L.; FIGUEIREDO, D.; CERQUEIRA, M. (2004). *Envelhecer em família: cuidados familiares na velhice*.

SILVA SÁ, C. M.; OLIVEIRA, N. V. D. S; CALDAS, C. P.; LISBOA, M. T. L.; TAVARES, K. F. A. (2011). “*O idoso no mundo do trabalho: configurações atuais*”. Cogitare Enfermagem. 16(3):536-42. São Paulo.

FRANCISCO, A; SUGAHARA, G. e FISKER, P. (2010). *Envelhecer em moçambique – dinâmicas do bem-estar e da pobreza*. Maputo

FUMO, A. A. (2017). “*Acesso e aceitação da pessoa idosa em centros especializados: Uma análise da integração da pessoa idosa em dois centros em Maputo*”. Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.